

I Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología
XVI Jornadas de Investigación Quinto Encuentro de Investigadores en Psicología
del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos
Aires, 2009.

Herdar é ultrapassar o pai: tradição e transmissão.

Lo Bianco, Anna Carolina y Costa-moura,
Fernanda.

Cita:

Lo Bianco, Anna Carolina y Costa-moura, Fernanda (2009). *Herdar é ultrapassar o pai: tradição e transmissão. I Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XVI Jornadas de Investigación Quinto Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-020/652>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/eYG7/Hyb>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

HERDAR É ULTRAPASSAR O PAI: TRADIÇÃO E TRANSMISSÃO

Lo Bianco, Anna Carolina; Costa-moura, Fernanda
Universidade Federal do Rio de Janeiro - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Brasil

RESUMEN

O trabalho examina as condições e as operações envolvidas na transmissão de uma tradição partindo do Moisés e o monoteísmo de Freud. Dele extrai uma teoria da tradição que se afasta das concepções que a consideram quase sempre como contínua. Partindo das consequências que Lacan tira do texto freudiano, enfatiza o lugar que a palavra do pai ocupa na transmissão. Podemos considerar que a transmissão se dá por relação à palavra do pai de um lado. De outro ela implica nela mesma a impossibilidade de uma continuidade, de um exercício de imposição de conteúdos, ordens, ou vontades que seguiriam a direção de um vetor pai filho. De início vemos que se a transmissão implica o pai, nem por isso a questão da ética do lado do sujeito deixa de estar colocada. Tomando essas primeiras afirmações procuraremos refletir sobre as condições da transmissão, para a psicanálise. Ainda que à primeira vista possamos supor que se trata de seguir crenças e vontades impostas por uma figura despótica, no decorrer do trabalho, ao contrário, encontraremos com a tradição que, fazendo valer a palavra do pai, se transmite no ponto em que o sujeito do desejo havendo tomado essa mesma palavra a terá ultrapassado.

Palabras clave

Transmissão Tradição Pai Sujeito

ABSTRACT

INHERITANCE: BEYOND THE FATHER

Referring to Freud's text Moses and monotheism, the work examines the conditions of the transmission of a tradition. It extracts from this text a theory of tradition that does not coincide with the conceptions that generally consider this tradition a continuous one. It then takes the consequences Lacan sees in the Freudian text in order to emphasize the place the father occupies in transmission. Although the word uttered by the father has a place in transmission, it brings in itself the impossibility of a continuity that would follow a line from the father to the son. If transmission includes the father, this does not mean that the ethical position on the side of the subject is not to be considered. From these assertions we try to examine the conditions of transmission as far as psychoanalysis is concerned. Despite the supposition that it is necessary to follow beliefs and will imposed by a despotic figure, in this article we will conclude, on the contrary, tradition in emphasizing the word of the father is transmitted when the subject of desire uses this word to go beyond it.

Key words

Transmission Tradition Father Subject

Para examinar as condições e as operações envolvidas na transmissão de uma tradição partimos do trabalho de Freud (ver especialmente, 1937-39/1996). Dele podemos extrair uma teoria da tradição que se afasta das concepções que a consideram quase sempre como contínua, vale dizer, que acreditam que estamos frente à passagem de conteúdos de uma geração para outra ou de um pai para seus filhos. Nesse exame nos valeremos das consequências que Lacan (ver 1957-58/1999 e 1969-70/1991) tira do texto freudiano, enfatizando em particular o lugar que a palavra do pai vem a ocupar na transmissão. Ainda que à primeira vista possamos supor que se trata de seguir crenças e vontades impostas por uma figura despótica, no decorrer do artigo, ao contrário, encontraremos com a tradição que, fazendo valer a palavra

do pai, se transmite no ponto em que o sujeito do desejo havendo tomado essa mesma palavra a terá ultrapassado.

Não é evidente que tenhamos então que partir do pai ou que tenha que ser feita aí uma referência ao pai. Por reconhecermos que o sujeito surge em cultura ou, o que é equivalente, que advém numa linha de parentesco, nem por isso temos que conceber uma função para o pai. Pois que, não se tratando de obedecer às injunções de um líder, tampouco acreditamos que haja uma herança genética ou racial que dê conta da transmissão de uma tradição. O natural se perde quando estamos no reino dos falantes, na ordem da linguagem, da cultura. E, se não se considera o pai em sua função naturalizada, também não é sua função social que está em jogo. Antes, a palavra do pai terá que ter um valor de operador. Fazemos recurso a ele para localizar com maior rigor o que se passa com o sujeito na experiência em que se constitui como sujeito do desejo numa cadeia de transmissão, em relação à qual virá a ocupar um lugar. "Ocupar um lugar", é preciso enfatizar, justamente porque não temos aí o sujeito colocado numa linha contínua de herança, nem o vemos surgir numa posição em que estará identificado a seu ideal - esse que promete o encontro com o líder do momento.

Podemos, pois, considerar que a transmissão se dá por relação à palavra do pai de um lado. De outro ela implica nela mesma a impossibilidade de uma continuidade, de um exercício de imposição de conteúdos, ou de ordens, ou de vontades que seguiriam a direção de um vetor pai filho. De início então vemos que se a transmissão implica o pai, nem por isso a questão da ética do sujeito, da ética do lado do sujeito, deixa de estar colocada. Partindo dessas primeiras afirmações procuraremos refletir sobre as condições da transmissão, para a psicanálise.

*** **

Quando se trata de uma teoria freudiana da tradição ou quando procuramos considerar a transmissão que a garante ao longo do tempo, o texto *princeps* a que é necessário recorrer é *Moisés e o monoteísmo*. Nele, Freud se interroga sobre a transmissão da tradição judaica, cuja longa duração o intriga. É tendo em vista a religião judaica que introduzirá o que caracteriza a transmissão da psicanálise. Se por um lado, se apresenta um pai ideal que promete e incita os filhos a alcançarem esse ideal, por outro iremos ver que a força da transmissão não reside apenas na reivindicação dos atributos do pai pelo filho e menos ainda na transmissibilidade desses atributos aos filhos. Freud afirma que há um fator "muito mais substantivo" para dar conta da complexidade envolvida numa transmissão (1937-39, p. 119)

De acordo com a crença religiosa, a tradição que se estende pelos séculos, ganha sua justificativa pela crença mesma nesse espírito divino. O deus da religião é detentor de uma ética perfeita, que representa os valores de nobreza, de altivez, cujo enorme poder é expresso nas próprias doutrinas que o sustentam. São doutrinas definitivas, abarcadoras e exaustivas, que se encaregam de apontar o ideal a ser atingido e se colocam como aquilo que vela para que os seres comuns inferiores e ordinários possam ter sua vida simples medida pela distância ao ideal e vivam na promessa paradoxal de que quanto mais o ideal for mantido no lugar de ideal, mais terá legitimidade para garantir que será alcançado, sempre num tempo por vir (Freud, 1921/1995).

Especificamente no caso da religião de Moisés, Freud observa que a força de sua tradição vem em grande parte da religião transmitida pelo líder, que elevou o conceito que os judeus tinham de si a ponto desses se acreditarem superiores a todos os outros povos, dos quais se mantiveram afastados. Sua coesão seria preservada justamente por esse fator ideal relacionado à posse comum de bens intelectuais e emocionais, que por sua vez lhes havia sido garantida por sua própria crença na grandiosidade do Deus introduzido por Moisés.

Encontra-se aqui um movimento que chama atenção por sua circularidade, na medida em que a crença num deus fortalece aquele que crê, justamente por ele buscar na crença do ideal o seu fortalecimento. Freud observa que a religião de Moisés deve em grande parte seu efeito duradouro, em primeiro lugar, ao fato de haver permitido que o povo participasse da grandiosidade de uma nova representação de Deus. Em seguida, por ter afirmado que esse povo havia sido eleito por esse grande Deus e estava destinado a receber as provas de que havia sido assim eleito. A reli-

gião mosaica tira sua força ainda de haver constringido o povo a progredir na espiritualidade o que o levou ao caminho de uma estíma elevada de si e de outros trabalhos intelectuais e de outras renúncias do pulsional (Freud, 1937-39/1996, p.112).

Deparamo-nos assim com fortes razões para que a transmissão da religião ao longo dos séculos se veja justificada. No entanto - e esse o ponto que nos interessa ver acentuado -, Freud mostrará que, ainda aqui, há algo de insatisfatório quando se trata de examinar a força da transmissão de uma tradição. Uma motivação mais profunda deverá ser inserida nos estudos acerca da religião, mesmo que esteja muito além das até agora propostas. É surpreendente, nesse ponto, a afirmação de Freud de que "a religião de Moisés não exerceu seus efeitos de maneira imediata, mas de maneira assombrosamente indireta" (1937-39/1996, p. 119).

Para falar da transmissão que se exerce de forma indireta, Freud fará recurso ao procedimento que caracteriza a construção do histórico em psicanálise. Em outro trabalho esse procedimento foi estudado em seus detalhes (Lo Bianco e Vieira, 2007), acreditamos que aqui nos será suficiente mencionar brevemente alguns dos seus traços característicos. De início tomará o acontecer histórico (*Geschichte*) e, como ele próprio propõe, "extrairá" dele ou "introduzirá" nele o que constituirá o histórico a que visa. É importante examinarmos esse histórico ou o que considera a "verdade histórica" para que possamos nos aproximar da transmissão tal como é tratada por Freud (1937-39/1996, p. 119).

Encontramos em seu texto três acepções de história: uma que diz respeito ao "acontecer histórico" (*Geschichte*), esse que de certa forma está perdido e do qual temos apenas restos e fragmentos, a historiografia (*Historie*), que é a ciência da história (da qual não trataremos aqui) e o histórico (o adjetivo *historish*). Essa distinção é estabelecida na tradução de Moisés por seu tradutor para o espanhol (Etcheverry, 1996).

Em resumo, Freud "extrai" do acontecer histórico um dado e nesse mesmo acontecer histórico "introduz" o histórico. Um exemplo dessa operação pode ser encontrado em relação ao nome de Moisés. Extraí do acontecer histórico, um fragmento que diz respeito à etimologia do nome que indica ser ele de origem egípcia. A partir daí, concluirá: Moisés (se o nome era egípcio) era egípcio. Ou seja, terá sido construído um pedaço do histórico na afirmação "Moisés era egípcio".

Voltando ao ponto que nos interessa acerca da transmissão da religião judaica, vemos que foi extraído do acontecer histórico sobre Moisés indícios de que este, em dado momento, por sua exigência em relação aos que o seguíam na saída do Egito, foi assassinado e, em seguida, a religião que professava foi deixada de lado. Ao mesmo tempo, introduz no acontecer o que veio a ser considerada a religião judaica: após o assassinato, a religião não havia desaparecido sem deixar rastros; "havia se conservado como que uma lembrança dela, obscurecida e desfigurada, apoiada talvez por antigos escritos" dos sacerdotes (Freud, 1937-39/1996, p.67). Essa tradição de um grande passado continuou produzindo efeitos e pouco a pouco foi cobrando força e por fim conseguiu trazer de novo à vida a religião de Moisés que havia sido instituída anteriormente. É nesse ponto preciso que Freud reconhece o poder da tradição.

*** **

Ora, o que chama atenção nesse ponto da cadeia de transmissão da religião judaica é justamente a incidência de uma ruptura - de um corte que se instala entre os primórdios da religião e a sua retomada posterior. Enfatizamos que é por relação a essa ruptura que situamos o lugar que o sujeito do desejo virá ocupar na cadeia de transmissão.

Esse ponto de ruptura, ponto de trauma e de enigma, além disso, poderá ser aproximado pelo mito de Édipo, tão caro às operações realizadas em análise. No entanto, é fundamental que não nos acerquemos dele pela pequena história que ele conta. Mas pelo que traz acerca do lugar do sujeito na cadeia de transmissão.

Édipo paga caro porque decifra o enigma proposto pela esfinge. Ele não o toma como enigma, uma vez que o decifra. Ele sabe o que é o homem (aquele que ao amanhecer anda em 4 patas, depois em duas, e por fim em três). Ao responder ao enigma, suprimindo o suspense, elide a questão da verdade. "Cai na armadilha da verdade", como mostra Lacan (1991, p.113), ao acreditar

que pode escolher o lugar que irá ocupar em face do enigma com que se defronta.

O mito de Édipo mostra como, ao escolher esse lugar, ele não entra na cadeia pela via da sucessão, não se torna rei por advir numa cadeia de sucessão. Em termos freudianos, diríamos, é como se a transmissão se desse de forma direta, pois Édipo se torna rei por uma escolha orientada pelo saber. Sendo assim, não ocupa o lugar do filho e por isso não conhece a função do pai. E o pai é aquele que nada sabe da verdade. Esse não saber nada da verdade é correlato da castração. O pai é agente da castração. Ou seja, na condição de pai perante o filho, transmite essa relação de não saber com a verdade, transmite a castração. Édipo ao não reconhecer que "é indispensável para a vida que alguma coisa irredutível não saiba", (Lacan, 1991, p.116) se entrega à busca do saber (só mais tarde irá se confrontar com a castração que tentou evadir com a elucidação do enigma).

O mito de Édipo nos mostra, pois, o lugar que o filho vem ocupar na cadeia. Ou seja, nos indica que a transmissão não é sem a consideração pela posição que o filho se responsabiliza por assumir em relação a ela. A transmissão (essa que Freud denomina transmissão direta) é impossível. É só no confronto com a castração do pai que o sujeito irá tomar para ele, irá inventar o que terá então herdado do pai.

Irá inventar, sublinhamos, a cada vez. Essa invenção (que está do lado do sujeito) irá sustentar a tradição, irá responder pela herança que ele terá recebido. Terá recebido - é necessário colocar no tempo verbal da *nachträglichkeit* - justamente porque terá dado conta da ruptura que incidirá sobre a cadeia de transmissão.

Herdar, então, é ir além do pai, herdar passa a ser função do ato frente à castração que o atinge e que o faz surgir como filho e aceder à função do pai. É nesse sentido ao se confrontar com a castração transmitida pelo pai, que ele advirá como sujeito para dar "continuidade" à linhagem, e irá "herdar" e ocupar o seu lugar na linha de sucessão. Não se pode prescindir da função do pai, desse operador que é a lei do pai, como tampouco do lugar que o filho virá ocupar frente ao que lhe é transmitido pelo pai. É na submissão à lei do pai, então, que o sujeito se encontra com o filho que terá, nesse ponto contingente, se exercido em seu ato que instaurará a cadeia de transmissão e fará durar a tradição.

BIBLIOGRAFIA

ETCHEVERRY, J.L. Nota de pé de página (p.14). In: S.FREUD. El hombre Moisés y la religión monoteísta. In: S. Freud, Obras completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores, (1937-1939) 1996, p.1-132.

FREUD, S. El hombre Moisés y la religión monoteísta. In: S.Freud Obras completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores, (1937-1939) 1996, p.1-132.

FREUD, S. Psicología de las masas e análisis del yo. In: S.Freud Obras completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores, (1921)1995, p. 63-136.

LACAN, J. O Seminário. Livro XVII. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1991

LO BIANCO, A.C. e ARAUJO, A.V. Fragmentos: a construção do histórico em Freud. Rev. Dep. Psicol.,UFF vol.19 no.2, 2007